



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL  
COORDENADORIA DE  
RECORTE DE

B-4 | ARACAJU, SÁBADO, 16 DE FEVEREIRO DE 2013

JORNAL DA CIDADE

## INSALUBRIDADE

# MPE pede suspensão das feiras da capital

Depois de receber várias queixas das comunidades dos bairros Coroa do Meio, Grageru e Ponto Novo, e comprovar a inadequação para o comércio de alimentos, sobretudo os de origem animal, nas feiras realizadas nestes locais o Ministério Público de Sergipe ajuizou Ação Civil Pública com pedido liminar contra o Município de Aracaju e da Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb), para realizar a suspensão das atividades comerciais nesses locais, até que medidas de adequação sejam realizadas segundo as normas de regência, previamente atestadas pela Vigilância Sanitária.

Responsável pelo ajuizamento da ação o promotor Daniel Carneiro Duarte, afirma que todas essas feiras estão incapacitadas de funcionar. "Além das condições insalubres, as feiras funcionam sem Licença Sanitária e não possuem procedimento administrativo próprio que defina quem estaria apto a explorar tais atividades", explicou. O promotor lembra ainda que as feiras estão localizadas em áreas públicas e que qualquer pessoa pode comercializar livremente dentro delas, ou seja, nenhum critério de seleção foi realizado para definir quais feirantes teriam o direito de estar ali.

Entre os problemas denunciados nos três locais estão o barulho excessivo, condições insalubres de manuseio dos alimentos e invasão do espaço público. Em visita realizada pela Vigilância Sanitária às feiras, ficou provado que nenhuma delas possui condições sanitárias de funcionamento. Quem também visitou as três feiras foram as equipes da Emsurb, para realizar a medição audiométrica, e na feira livre do Grageru foi confirmada a emissão de barulho acima do permitido pela Legislação. "A população reclamou bastante do barulho e da interrupção no trânsito. As feiras geralmente ocorrem nas calçadas e ruas, impedindo o deslocamento de pedestres e o tráfego de veículos", ressaltou Dr. Daniel.

Já na feira do bairro Coroa do Meio, as queixas vieram principalmente da Diretoria da Escola Municipal Juscelino Kubitschek, pois a feira é realizada em frente à unidade de ensino. "Fomos informados que a diretoria da escola precisou alterar o horário de encerramento das aulas, por conta do barulho da feira", explicou o promotor de Justiça. Além das denúncias por parte da escola, os moradores também relataram a venda de bebidas alcoólicas, pirataria e pornografia, fora a falta de higiene. "O MP não pretende acabar com as feiras livres. O que queremos é adequá-las, para que a população possa usufruir de um serviço de qualidade. Estamos fazendo imenso esforço visando sensibilizar o Município a promover as adequações necessárias", garante Daniel.

## População

Mas apesar das queixas, a comunidade dos três bairros não deseja que as feiras livres sejam extintas de uma vez. Para os moradores, o que precisar ser feito são mudanças, tanto na organização das feiras, quanto na conscientização dos feirantes. Morando há 25 anos no bairro Coroa do Meio, o aposentado Alcides de Carlrossalienta as qualidades da feira e pede melhorias. "A feira é muito boa. A variedade e os produtos são ótimos. O que precisa mudar mesmo são as condições do lugar onde ela está instalada, pois aqui corre esgoto a céu aberto, uma nojeira. O que precisamos aqui é organização, porque essa feira é muito boa para a população", acredita.

Para o comerciante Jose Minervino dos Santos, o principal problema é a organização. Uma das principais queixas dos moradores é justamente a ocupação das calçadas pelas barracas dos feirantes ou com o acúmulo de lixo. "Essa problemática dos carros nas portas das pessoas sempre existiu e desde sempre incomoda muita gente, pois impossibilita a entrada nas garagens. Não queremos que a feira acabe, o que nós estamos pedindo são melhorias, porque essa feira é o ganha pão de muita gente. Ao invés de acabar, o poder público deveria se encarregar de apresentar soluções", afirma o comerciante.

No bairro Grageru os problemas e os pedidos da comunidade se repetem. "Depois que a feira acaba, fica um fedor insuportável, fora o barulho que o pessoal da Emsurb faz para montar e desmontar as bancas. E eles fazem de pirraça mesmo. Além disso, demoram muito para vir realizar a limpeza. Já deixaram mais de 24 horas aí tudo sujo, e esses restaurantes pequenos são os mais prejudicados porque o fedor afasta os clientes", reclama a dona Amélia Barbosa. De acordo com a moradora, vários abaixo-assinados já foram realizados pela comunidade, mas infelizmente nenhuma providência foi tomada. "Queriam mudar a feira de lugar, pois o desrespeito dos feirantes e o barulho são enormes. Aqui moram muitas pessoas idosas que precisam de paz, coisa que em dia de feira não acontece por aqui", lamenta.

Procurando uma solução diplomática, a moradora ressalta. "Acabar com a feira do Grageru não é certo. As pessoas que trabalham aqui sobrevivem dessas vendas e trabalham há muitos anos nesse lugar. Não é certo de uma hora pra outra simplesmente retirar todo mundo. Tudo é adequação, tudo é questão de costume. O que se precisa fazer é conscientizar os feirantes e facilitar a vida dos trabalhadores que fazem a limpeza com a colocação de tonéis de lixo, pois só assim as coisas começariam a mudar. O que está faltando aqui é conscientização e organização", acredita Amélia.

Quem também partilha da mesma opinião é o autônomo Marcos de Oliveira, que mesmo sem ser morador do bairro utiliza a feira livre do conjunto para abastecer a geladeira. "Aqui não é o melhor lugar pra comercializar carne, pois a higiene deixa muito a desejar. Se mais fiscalizações fossem feitas e a organização fosse adotada de uma vez por todas por aqui, nossos problemas acabariam", afirma.

O promotor Daniel Carneiro, depois de reunião com o coordenador da Vigilância Sanitária Municipal, anunciou que será feito um levantamento de todas as feiras livres da capital. "As feiras que não estiverem adequadas serão alvo do mesmo tipo de ação do Ministério Público. Estamos cumprindo nossa missão, na qualidade de tutor dos direitos difusos e coletivos. As feiras livres são representativas do setor econômico e um importante canal de distribuição de hortifrutigranjeiros, porém, precisam oferecer um serviço seguro e de qualidade para a população", alegou o promotor de Justiça.

Outras providências também já estão sendo pensadas pela Emsurb, para melhorar a qualidade das feiras livres na capital, como salientou a assessora de comunicação do órgão, Gabriela Barbosa. "A população pode ficar tranquila, pois nenhuma dessas feiras será finalizada. Já estamos realizando um levantamento de todas as feiras para averiguar quais os principais problemas e as ações serão identificadas a partir da semana que vem. Procuraremos uma maneira de garantir a qualidade das feiras e manter os comerciantes trabalhando com dignidade", garantiu Gabriela.